

Castel Gandolfo, 18 de novembro de 1997

## Como um arco-íris

Como todos sabem, através do carisma da unidade, Deus não quis apenas suscitar uma espiritualidade, mas também uma Obra, na Igreja, que depois foi denominada Obra de Maria ou Movimento dos Focolares.

Ora, para que uma Obra exista é necessária uma alma (que é a espiritualidade comunitária), mas é igualmente essencial uma organização, uma estrutura, uma norma. E Deus pensou também nisso.

Pelo que lembro estávamos no ano de 1954. A espiritualidade já parecia bastante completa, com os doze pontos. E havíamos entendido claramente isso. Pode ser que pareça novo para vocês, como pareceu para mim, pesquisando nesses escritos. Uma coisa era clara para nós: devíamos ser outros Jesus. Era a nossa vocação.

Em 1946 eu escrevi esta anotação:

**"A nossa alma deve almejar ser o mais depressa possível um outro Jesus...  
Fazer o papel de Jesus aqui na terra. Emprestar a Deus a nossa humanidade a fim de que Ele a use para que reviva nela o seu Filho predileto".**

(...)

Mas como podíamos realizar isso? Para nós era claríssimo: certamente amando. O amor resume toda a lei cristã. Quem ama e quando ama é outro Jesus, porque pospõe o próprio eu. E é Jesus em tudo aquilo que faz.

Portanto, a nossa vida devia ser amor. Se fosse necessário definir o nosso "dever ser", teríamos que dizer: "Nós somos o amor", assim como Deus é Amor. E se o amor era a nossa vida, o amor e só o amor devia ser a norma da nossa vida.

Surgiu então uma ideia, talvez uma iluminação.

O amor é luz, é como um raio de luz que, atravessando uma gota d'água, se refrange formando o arco-íris, que apresenta as sete cores. Elas são a refração da luz e, por sua vez, se desdobram em infinitas tonalidades.

O arco-íris é vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, anil, violeta; também o amor, que é a vida de Jesus em nós, se tingem de cores variadas, se exprime de muitas maneiras, diferentes entre si.

O amor, por exemplo, é comunhão, conduz à comunhão. Jesus em nós, por ser amor, realizaria a comunhão. Se somos amor, realizamos a comunhão.

O amor não se fecha em si mesmo; é difusivo por natureza. Jesus em nós, o amor, é a irradiação do amor.

O amor eleva a alma. Jesus em nós eleva a nossa alma a Deus. Eis a união com Deus. Eis a oração.

O amor sana. Somos sadios, quando amamos. Quando pensamos em nós, estamos doentes. O amor sana. Jesus, o amor no coração, é a saúde da nossa alma.

O amor reúne as pessoas em assembleia. Jesus em nós, porque é Amor, reúne os corações.

O amor é fonte de sabedoria. Jesus em nós, o amor, nos iluminaria.

O amor faz de muitos um só bloco, é unidade. Jesus em nós realizaria a unidade.

São estas as sete expressões principais (porque existem várias) do amor que devíamos viver. Elas nos indicam um número infinito. Sete é um número infinito.

Pois bem: nestas sete expressões do amor reconhecemos imediatamente a norma da nossa vida pessoal e elas viriam a constituir também a norma da nossa Obra no seu conjunto e, mais tarde, das suas específicas ramificações.

Sendo o amor e só o amor o princípio de cada expressão: da comunhão, da saúde, do apostolado, de cada aspecto, dado que Jesus vive sempre em nós em cada momento da nossa vida, ela deve articular-se numa magnífica unidade. (...)

Lembro que eu frequentava certas associações, mas não gostava da ideia de fazer apostolado no sábado à tarde e pronto. Estes pedaços de vida separados... O apostolado é levar Deus sempre, não só naquele momento.

Tudo jorraria do amor. A raiz de tudo seria o amor. Tudo seria expressão da vida de Jesus em nós. Desse modo a existência do homem deixa de ser pouco interessante, monótona e desencantada, por ser feita de pedaços justapostos e separados, pois a hora para o almoço não tem nada a ver com a oração e com o apostolado que fica restrito a uma hora determinada etc., mas torna-se atraente e fascinante, porque é sempre Jesus em nós que caminha, que vive.

No nosso caso seria sempre Jesus a fazer apostolado, a trabalhar, a alimentar-se. Tudo seria uma expressão dele.

Essa norma, que se apresentava a nós - como podemos intuir -, embora em consonância com a natureza humana, pois também temos que comer, ler, caminhar, teria também o seu lado celeste.

Chiara Lubich